

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE
GISELE DE CÁSSIA FLECK**

JUVENTUDES *TRANS-VIADAS* E SUAS *PERFORMANCES* DE AFETO

Porto alegre
2010

GISELE DE CÁSSIA FLECK

JUVENTUDES TRANS-VIADAS E SUAS *PERFORMANCES* DE AFETO

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Elisabete Maria Garbin

Porto Alegre
2010

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. A HISTÓRIA DA <i>PERFORMANCE</i>	17
3. DA POSIÇÃO DO PROBLEMA	20
4. METODOLOGIA.....	23
5. OITO PESSOAS, TRÊS <i>PERFORMANCES</i>	
<i>BLOCO ANALÍTICO</i>	27
5.1 GREG & DAKOTA.....	27
5.2 WALLACE, VIVI, ALINE & PIPOCA.....	31
5.3 JOHN & ELIZABETH.....	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
7. REFERÊNCIAS.....	41

RESUMO

Este estudo analisa como as performances de afeto de grupos de jovens freqüentadores de dois espaços públicos da cidade de Porto Alegre, a saber, Arco da Redenção e trecho entre o *Centro Comercial* Nova Olaria e o supermercado Zaffari na Rua Lima e Silva, afetam o tempo-espaço e as pessoas circundantes onde estão inseridos. Analisa também em que medida há interpelação no comportamento dos circulantes do bairro em relação aos jovens que performatizam comportamentos vistos como dissidentes, 'desviantes' 'estranhos', 'anômalos' e extravagantes, e quais os efeitos desta zona de atrito. Através de observações, conversas, apontamentos em diário de campo e registro de imagens, buscou-se traçar uma relação da *performance* como uma linguagem cênica utilizada por movimentos de contracultura e o movimento de nomadismos juvenis que acontece em tais espaços. O aporte teórico para as reflexões estão em Silva (2008), obra inspiradora deste estudo. Tentando entender e definir melhor a juventude me deparei com o livro *Culturas da Rebeldia – A Juventude em Questão* de Paulo Sérgio do Carmo, ao colocar o jovem como centro de toda uma reflexão forneceu interessantes acréscimos a meus conhecimentos. Michel Foucault com a sua obra básica, *História da Sexualidade* me permitiu elaborar pensamentos a respeito da construção de gênero na nossa sociedade, e especialmente a pedagogia desta sexualidade, tema interessantíssimo focado por Guacira Louro no livro *O Corpo Educado*, no qual junto com outros mestres reflete sobre afinal como e por que se ensina o que se ensina sobre sexualidade. Como foco de meu interesse elegi o caráter performático dos momentos de troca de afeto, carinho, amor entre os jovens observados no circuito já referendado. Foram escolhidos pelo figurino, ousadia da ação e abertura que me deram para troca de idéias sobre o que acontece no espaço-tempo entre o entardecer e a noite de domingo que percorre o trajeto do Arco da Redenção e o deslocamento, o nomadismo juvenil que ocupa algumas ruas da Cidade Baixa, para aportar, com uma resistência ruidosa na frente do shopping Nova Olaria e na quadra que o separa do Supermercado Zaffari. Eles querem ser vistos. Querem ocupar o espaço que julgam por direito seu e, por conseguinte de sua forma de ser e se expressar.

Palavras-chave: Performance. Nomadismos. Culturas Juvenis

1. INTRODUÇÃO

No decorrer do curso de Especialização em Pedagogia da Arte, na disciplina ministrada pela Professora Elisabete Maria Garbin, *JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS*, inspirada pelo título e dissertação de Thais Coelho da Silva – *Juventudes trans-viadas num espaço urbano de Porto Alegre-*, orientada pela mesma professora, durante a realização de trabalho de campo para posterior Seminário - *Jovens e sua novas gramáticas de afeto*, passei a observar a utilização da *performance* pelo grupo de pessoas que ocupa a “alameda dos banheiros” na Rua José Bonifácio, junto ao Brique da Redenção no Parque Farroupilha domingos no fim da tarde, se desloca, em duplas, trios, sozinhos ou em bandos para a Rua Lima e Silva, se fixando em alguns momentos em frente ao Centro Comercial Nova Olaria ou em frente ao supermercado Zaffari no Bairro Cidade Baixa. Ambos os estabelecimentos adotaram, nos últimos anos, formas de conter o uso de suas dependências pelas tribos domingueiras. O supermercado Zaffari, por exemplo, colocou cercas de metal diminuindo a largura da calçada e impossibilitando o uso das paredes da loja. É evidente o aumento do número de seguranças no domingo, tanto dentro como no exterior do supermercado. O horário de fechamento também passa das 23 horas para as 21 horas e nos últimos domingos tem fechado as 20:30. O Centro Comercial Nova Olaria diminuiu a largura da porta de entrada no shopping e nos domingos se vêem quatro ou cinco seguranças, já na calçada. Em frente ao Shopping Olaria, está sendo construído um grande empreendimento imobiliário, alvo de muita discussão entre os moradores do Bairro Cidade Baixa, bem como na Câmara Municipal de Porto Alegre, pelos 18 andares de altura, trazendo uma mudança significativa para a vizinhança. Acho importante enfatizar que desde que foi elaborada a dissertação Silva (2008), até o momento atual, abril de 2011, diminuiu muito o número de pessoas que identifico desde o Parque Farroupilha até a Rua Lima e Silva, em movimento nômade, na “zoação”. Conforme o prédio acima referido vai crescendo, e os apartamentos estão já há bastante tempo disponíveis para a venda, sendo muito valorizados, o “movimento de domingo” vai diminuindo.

No início do mês de novembro/2010, a calçada do prédio que está sendo construído e seu respectivo quiosque de vendas, aos domingos, está com as luzes desligadas, mas já presenciei em feriados, quando é característica a pouca população nas ruas de grandes cidades, como é o caso de Porto Alegre, seguranças monitorando alguns adolescentes que estavam na frente do prédio em construção, apenas conversando.

Durante o verão de 2010 o ir e vir diminuiu um pouco, Porto Alegre já não fica tão vazia quanto antes. A mania dos gaúchos de passar as férias no litoral, continua sendo vivida porém o aumento da população do entorno da capital e da própria cidade mantém um público constante mesmo nos meses em que antigamente as ruas ficavam desertas. O público estudado se disfarça, ou melhor se mimetiza no “grupo”, o indivíduo passa a ser mais um diferente entre os diferentes e quando este “grupo” diminui as suas ousadias e intervenções performáticas se desaceleram. Percebi isto claramente durante o meu convívio e observação do “grupo”, com a diminuição do número de pessoas na rua ocorre a intimidação no ir e vir, no ficar.

Buscando aportes teóricos para o estudo bem como continuar a observar, pensar e analisar o movimento que acontece aos domingos no espaço referendado, passei também a tentar buscar relações com as práticas pedagógicas experienciadas por mim no que se refere à sexualidade, me deparei com o livro O Corpo Educado (1999), organizado por Guacira Lopes Louro no qual interessantes escritos tratam do tema.

Trabalhando como professora na rede pública de ensino desde o ano 2.000, continuo a me impressionar negativamente com o tratamento dado a sexualidade dentro do espaço escolar, ou melhor, seria com a falta de tratamento adequado, o descaso, a omissão, o preconceito velado ou explícito enfim a toda uma forma de contenção de uma sexualidade aflorada ou latente que move a juventude, e em última análise a humanidade ainda e sempre a uma busca renovada de formas de prazer e relacionamentos, alguns com uma expressiva carga de afrontamento a padrões pré-estabelecidos.

Dentro das escolas, ao menos nas quais atuei como aluna e professora, a busca de uma padronização para os gêneros masculino e feminino é constante, a fila dos guris e a das gurias, a construção de maneiras de ser de meninos e meninas, as brincadeiras diferentes entre os grupos e inadequadas para uns ou outras. Existe, subjacente toda uma tentativa de normatizar o comportamento de crianças e adolescentes, ou seja, tornar o comportamento de meninos e meninas, padronizado, regulado, formatado. E diria também dos professores, orientadores, funcionários e até das famílias dos alunos, enfim de toda a comunidade escolar. Existe sim toda uma busca para um enquadramento no que já é posto como “normal”. Mais fácil de conter. E manipular. O preconceito contra o diferente é muitas vezes explícito e referido até com certo orgulho pelos educadores. Alguns colocam a busca da “normalidade” como um dos objetivos da escola. Ouvi isto de uma colega de uma tradicional escola de Porto Alegre, professora de português, - “A escola tem que ajudar a ensinar o que ser homem e mulher normal! Não estas aberrações que andam por aí..!” Isto em 2004. São muitas as falas de professores ridicularizando alunos ao seu olhar “estranhos”, não raras vezes também o preconceito dos alunos em relação ao professor “tão feminino” nas palavras de uma aluna: “Ele só casou com aquela mulher horrível, porque morre de medo de ser *gay*!” Porém a sociedade do início da segunda década do século 21 tenta romper padrões e barreiras. Ocorre que a juventude atual, cansada de aprender com os erros dos outros, está muito ansiosa, como todas as juventudes antes desta, para o rompimento de linhas de contenção. Forçam para romper. Chocam. Exploram a bizarrice e o estranhamento. Provocam e performatizam situações. o beijo-espetáculo, o abraço show.

A juventude da qual eu falo, classificada nos dicionários como a idade moça, o tempo de vida humana entre a infância e a maturidade é essencialmente urbana. No período compreendido entre os 12 e os 21 anos buscam basicamente a experimentação. A possibilidade colocada pela rua amplia o que se aprende na escola, na família. Ali ninguém vai criticá-los por serem diferentes no vestir, no comportar-se, ninguém está buscando que eles tenham um comportamento dentro dos padrões aceitos como “normais” pela sociedade. Quanto mais gente melhor,

fica-se incógnito na multidão e pode-se experimentar, ousar e tentar não ser visto. Ou tentar aparecer. A cidade faz isto possível. Carros, gente, luz e movimento.

Ocupando o espaço da rua que resta, fazendo dos carros estacionados cenário, algumas vezes se deslocando e evoluindo no asfalto, o povo bebe, namora, come e principalmente 'se mostra', intencionalmente ou não para o público até o final da noite.

Silva (2008) elaborou sua tese dissertação de mestrado ancorada no campo teórico dos Estudos Culturais. Silva, ao cunhar o termo *trans-viada*, tomado emprestado neste estudo, assim argumenta:

Inspirei-me no filme Juventude Transviada (Rebel without a cause), estrelado por James Dean, em 1955, para tratar de uma juventude que não apenas transita, mas transfigura tal lugar através de performances homoafetivas. Opto aqui por usar o termo trans-viada referindo-me não apenas à palavra trans-viado, que se refere àquele que não obedece aos padrões comportamentais vigentes, mas tencionando arriscar uma aproximação do prefixo trans, de transgressão, trânsito, transgênero, transexual, com o termo usual pejorativo viado, comumente usado para designar sujeitos homossexuais masculinos. Trago este termo para me referir a estes jovens que transgridem os comportamentos em relação aos prazeres do corpo, às afetividades, às sexualidades. Afirmo que eles não são "rebeldes sem causa", mas jovens que procuram resistir às práticas e políticas hegemônicas, marcando um lugar, tornando-se visíveis, dando-se voz. (SILVA, 2008, p?).

Acompanhei o movimento que acontece aos domingos, busquei uma aproximação, dialoguei com o público nômade que divide o espaço do Parque Farroupilha com bebês e *pets* e como toma conta da Rua Lima e Silva, dificultando o tráfego de veículos automotores, 'batucando' nos ônibus, incomodando os consumidores do Olaria e do Zaffari com suas performances e ousadias. Melhor, talvez, dizer tomava conta porque neste outono, inverno e primavera de 2010, nem os domingos quentes foram capazes de manter o povo na rua, beijando na boca, a Brigada Militar, após constantes denúncias e exposição na mídia "do problema" opera no sentido de reprimir a gurizada, desde a tarde na Redenção, com seus camburões e cassetetes, intimidando as tribos. Já no verão, embora com menos gente, conforme já relatado, o movimento

continua insistente. Não pára. Um domingo sequer. Pode ter um número maior ou menor de pessoas, mas parece que realmente ali virou um *point* alternativo. As tribos que não tem lugar, a os desajustados de todo tipo, parecem encontrar o seu lugar ali. Já se faz presente um povo com mais idade. Será que estão envelhecendo com a Lima e Silva? Bem, já faz uns 5 anos que o lugar se tornou “alternativo”. Outra possibilidade é a descoberta do ambiente por gente descolada e que o desconhecia. O fato é que desde que me tornei freqüentadora do lugar, por conta deste estudo, que estimula meu interesse pela contracultura, bem como do uso da performance como linguagem cênica, além das pedagogias da sexualidade percebo que o movimento de pessoas aumenta ou diminui dependendo, das condições do clima, dos *shows* que tem no Bar Opinião, casa próxima ao circuito referendado, que agrega metaleiros e outras tribos em número mais expressivo nos domingos nos quais tem espetáculo, especialmente de bandas de *rock*, quando um público flutuante se agrega aos habitués do pedaço. Tem gente que está sempre lá. Domingo pra eles é dia de Lima e Silva. Várias comunidades na *Web*, falam do assunto, contra ou a favor, descobri montes de coisas, visitando uma e outra, gente muito assumida que está lá a fim mesmo de encarar um “bafão”, poetas, músicos, diretores de cinema e teatro, fotógrafos, gente da moda, buscando inspiração para a arte viva que se propõe a ser encenada aqui, agora, apesar ou por tudo que tem em volta, a brigada, os carros, a garrafa PET com vinho tinto barato, pessoas altamente homofóbicas, pessoas que tem horror, verdadeira fobia contra os homossexuais, que usando o anonimato do mundo virtual declaram desejar que todos os homossexuais sumissem para sempre dali, que “sujam” a rua e outras “pérolas” de falta de tolerância para com os diferentes. É fato que são cometidos excessos, bebedeiras, gritarias, xingamentos. Mas na Rua João Alfredo, distante apenas duas quadras do percurso citado ocorrem os mesmos fatos e parece ser muito menos incômodo do que os domingos na Lima e Silva. Os *punks*, movimento libertário e anárquico, irmanam com o povo *gay* desde há muito, se fazendo sempre presente nas passeatas pela livre orientação sexual no mundo e também aqui em Porto Alegre. Tem ocupado o espaço junto com os *gays* e lésbicas e

ajudado a transformar o universo circundante em uma ilha de dissidência de valores e costumes. Nem que seja por um momento: o agora. Se juntam *darks*, góticos e *emos*. Muitos, e muito diferentes entre si, entre eles. O que tem em comum? Ao meu ver a vontade de se divertir e poder ser quem é sem disfarces ou amarras. Livre de velhos costumes, de caras feias, de repressões de afetos.

Vi acontecer o desenrolar da situação domingueira *in loco*, conversei um tanto, quis saber o que pensavam sobre o próprio momento que vivíamos, como começaram a freqüentar o lugar, o que os levava a estar ali, que tipo de relacionamento tinham com as outras pessoas que nos cercavam, se a família sabia onde ia e o que acontecia aos domingos. Algumas vezes as conversas fluíam mais soltas outras eu tinha mesmo que perguntar. Tentei uma conversa informal, “um bate papo”, não uma entrevista de estudo, porém deixei claro que estava fazendo um trabalho para a universidade sobre jovens, a tomada daquele espaço por tribos, e especialmente as *performances* de afeto que realizavam.

Optei por descrever e analisar oito dos muitos sujeitos que conheci e suas performances. Os critérios de escolha foram o visual extravagante e os comportamentos bizarros, inscritos no caos urbano com uma significação pessoal que se dará a conhecer. Algumas fotografias foram tiradas com a concordância dos entrevistados e mostram o capricho e detalhamento de roupas e acessórios, maquiagem e penteado.

Acredito existir um verdadeiro jogo de forças entre o poder dominante, tomando aí o heteronormativo, a força de polícia e o capital como sustentação de um dos lados e o novo, o mutável e o segregado do outro lado.

Dentro de toda esta situação de confronto social que se apresenta o público, jovens em sua maioria, uma “gurizada” no falar de um jovem de 20 anos, busca parcerias, novas dinâmicas de afeto, recorrendo muitas vezes a performance como elemento atrativo e transgressor. A “zoação” a “pegação” e a “brincadeira de ficar” parecem ser a, à primeira vista, uma etapa de um verdadeiro ritual de passagem entre a vontade de experimentar e a concretização deste desejo, especialmente para a juventude homoerótica da periferia da capital, bairros distantes e da grande Porto Alegre. Entre os textos estudados para o

seminário inspirador deste trabalho encontra-se o artigo - *“Zoar” e “ficar” novos termos da sociabilidade jovem*, de Maria Isabel Mendes de Almeida. De acordo com ela “o ato de “zoar” em sua apreensão semiológica, expressa a capacidade de fazer grande ruído emitir som forte ou confuso, equivalente a zumbir, produzir ruídos semelhantes aos dos insetos” continuando com Maria Isabel “além de acionar a dimensão numérica das aglomerações o “zoar” inscreve-se como condição essencialmente motora, de fricção tátil entre corpos em circulação.” As pessoas se olham, se apresentam, muitos já se conhecem e se encontram virtualmente, trocam mensagens, marcam tempo e espaço para se ver. Se pegam.

O grande diferencial do mundo virtual, existe um corpo, para pegar e ser pegado, literalmente. As pessoas passam as mãos uma nas outras, com carinho, com amizade, com ousadia. Dentre minhas várias visitas ao percurso do “grupo”, em uma delas houve manifestação pelo dia do orgulho gay, chamada de “mini-parada”, que ao contrário da “grande parada” se insere nas ruas do bairro Cidade Baixa e promove há 5 anos uma manifestação em frente ao Shopping Nova Olaria. Aqui faço um breve relato de como o Centro Comercial tornou-se cenário de todo este “movimento”. O Nova Olaria, desde a sua fundação na década de 90 era freqüentado por uma comunidade emergente e notoriamente gay, inclusive tendo abrigado nas salas dos Cine Guion a Primeira Mostra de Filmes sobre a Diversidade Sexual, em 1995. Com o passar dos anos e a afluência cada vez maior de um público mais jovem e com menos poder aquisitivo, que ficava “se agarrando” em torno do chafariz, sentado nos bancos, deitados, se exibindo para quem quisesse ver. Procurando novas formas de chamar atenção para si e suas atitudes, começou a incomodar os freqüentadores e comerciantes do referido shopping. Com os atos cada vez mais explícitos de “pegação” homossexual nos banheiros e no estacionamento. Foram tomadas medidas de coibir o ingresso e a permanência dos “indesejáveis” no Nova Olaria. Voltando ao outono de 2010 neste dia, uma adolescente com seu grupo, “zoava” muito e passava a mão com muita alegria nos traseiros masculinos, o que causou alguma indignação e muitos sustos.

O “ficar”, ainda de acordo com Almeida (2006) e seus estudos sobre a “night” carioca, do qual nos apropriamos aqui no sul, “é essencialmente beijar. Beijar em série, beijar muito, reconfigurando temporalidades antes submetidas ao crivo da cadência amorosa e sentimental”. A prática do “ficar” entre os jovens possui o caráter de instantaneidade. O beijo assume um caráter performático. Existência única no tempo e no espaço. “O primeiro beijo é também o último” na fala de uma das entrevistadas de Almeida.

Neste jogo entre o espaço controlado, ordenado o “espaço estriado” na “dualidade primordial” proposta por Deleuze (citado por Almeida, 2006)), e “espaço liso” aberto ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. O filósofo francês Gilles Deleuze (citado por Almeida, 2006) desenvolveu todo um pensamento sobre dois tipos principais de espaços sociais, a “dualidade primordial”, seria o “espaço estriado” com suas regras, convenções e comportamentos estereotipados, tidos como normais e aceitos pela maioria da sociedade e o “espaço liso” onde toda uma outra gama de maneiras de ser se mostram ou insinuam, com formas diversas de atuação na sociedade. Comportamentos bizarros, estranhos, e para meu deleite e estudo bastante performáticos.

“O Grupo”, que se faz “grupo” aos domingos, pela ocupação coletiva do tempo-espaço, é composto por várias tribos, que se identificam entre si pelo figurino, adereços, penteados, maquiagem e obviamente comportamento. Muitos se relacionam virtualmente e em sua maioria possuem uma maneira de ser que causa estranhamento em seus cotidianos: família, escola, trabalho e local onde moram. Seja pelo visual extravagante, andrógino ou estilizado, seja pelo comportamento bizarro, contestador ou homossexual, sentem-se deslocados entre os “normóticos” e aceitos no espaço-tempo deslocado do final da tarde do Parque Farroupilha e a noite de domingo na Lima e Silva. “Normótico” é um termo muito usado pelo grande mestre iogue brasileiro Hermógenes. O mestre usou várias vezes esta expressão em entrevista concedida ao apresentador Jô Soares, no seu programa de final de noite na Rede Globo de televisão, no início de novembro de 2010, quando da conclusão da primeira etapa deste trabalho, para posterior apresentação a banca. “Normótico” significa uma pessoa que apesar de não saber

bem o porquê faz de tudo para seguir os padrões tidos como “normais” de comportamento e na grande maioria das vezes critica, discrimina ou até mesmo combate aqueles que se opõem a esta “normalidade”. O termo me pareceu perfeito! Como se incomodam os “normóticos” com as excentricidades do público que foquei neste trabalho! Impressionaram-me muito, falas de artistas, colegas, vizinhos, realmente achando “horrrível” o que fazem! E *Punks*, lésbicas, travestis, gays e coloridos continuaram interagindo com as luzes dos carros e das ruas, fazendo destas o cenário perfeito para suas performances de afeto e liberdade. A quantidade de gente e a distância de suas realidades os mantém na clandestinidade ao mesmo tempo em que são apoiadas pelos seus iguais.

A observação da quebra de limites entre a atitude corriqueira, “normal”, cotidiana, das pessoas que transitam no espaço entre a “alameda dos banheiros” e a Rua Lima e Silva durante os outros dias da semana e o que acontece no mesmo espaço entre o entardecer e o final da noite de domingo mostra uma diversidade de atitudes, de pessoas, e de grupos na qual ampliação da figura, a partir da construção de um personagem foi percebida. Dentre as pessoas que entrevistei e observei durante a realização deste trabalho. A preparação de visuais, o que inclui muitas vezes roupas, maquiagem, cabelos e adereços pressupõe uma intencionalidade materializada em imagem, uma concretização do onírico, uma presentificação da fantasia, num local e tempo delimitados. A atitude de vanguarda com beijos grupais, ‘pegação’ homossexual, algumas brigas e uso de álcool, maconha, tabaco e drogas químicas, remete aos festivais de Baco e Dionísio e sua liberação dos sentidos, uma catarse criativa e excitante que coloca em última análise a performance como linguagem.

A transformação de um lugar qualquer em um ponto de encontro de determinado grupo, fazendo então com que este se transforme, recebe o apropriado nome de “lugarização” o lugar apesar de materialmente falando ser o mesmo através dos movimentos nômades dos jovens é ocupado durante um período específico de tempo com seus modos de ser e parecer. É constituída uma ilha de dissidência dentro da cidade. Movimentos urbanos. Cidade e gente. A professora Elisabete Garbin (2006), teoriza sobre isto em seu texto também

inspirador deste trabalho *Cenas juvenis em Porto Alegre: “lugarizações”, nomadismo e estilos como marcas de identitárias* e me empresta as expressões, “lugarizações” e “nomadismo juvenil” usadas muitas vezes neste trabalho.

2. A HISTÓRIA DA *PERFORMANCE*

Antropologicamente falando pode-se conjugar o nascimento da *performance* ao próprio ato do homem se fazer representar (a *performance* é uma arte cênica).

Dessa forma há uma corrente ancestral da *performance* que passa pelos primeiros ritos tribais, pelas celebrações dionisiacas de gregos e romanos, pelo histrionismo dos menestréis e por inúmeros outros gêneros, calcados na interpretação extrovertida, que vão desaguar no *cabaret* do século XIX e na modernidade.

No século XX, a arte da *performance* se desenvolve em sua plenitude. Através de décadas o movimento caminha sob várias formas e em diversos países

É importante ressaltar o papel de radicalidade que a *performance*, como expressão herda de seus movimentos predecessores: a *performance* é basicamente uma linguagem de experimentação, sem compromissos com a mídia, nem com uma expectativa de público e nem com uma ideologia engajada. Ideologicamente falando existe uma identificação com o anarquismo que resgata a liberdade de criação, a força motriz da arte.

A arte, como formula Freud (citado por Coehn, 2002)), caminha com base no princípio do prazer e não no princípio da realidade. O artista lida com a transgressão, desobstruindo os impedimentos e as interdições que a realidade coloca.

O trabalho do artista, do *performer* é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema. Os praticantes da *performance*, numa linha direta com os artistas da contracultura, fazem parte de um último reduto que Susan Sontag (citada por Coehn, 2002) chama de “heróis de vontade radical”, pessoas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam a custo de suas vidas pessoais uma arte de transcendência.

Ao trilhar o caminho do prazer, a *performance* resgata a idéia de arte pela arte. A apresentação de uma *performance* muitas vezes causa choque na platéia.

A *performance* é uma de intervenção modificadora, que visa causar uma transformação no receptor. Não é na sua essência uma arte de fruição nem uma arte que se proponha a ser estética, muito embora se use de recursos para aumentar a “significação” da mensagem

Está ligada a não-arte, que de acordo com Allan Kaprow (citado por Coehn, 2002) não é herdeira da arte instituída, não é intencional, não aspira a um plano superior, não está em lugares sacralizados como museus, teatros e bibliotecas .

Kaprow é o idealizador do *happening*. Na tradução literal, um acontecimento, ocorrência, evento. Aplica-se esta dominação a um espectro de manifestações que incluem várias mídias, como artes visuais, teatro, música, dança, vídeo.

No *happening* é a quebra com a convenção teatral é radical: não existe a distinção palco-plateia, ela é rompida a qualquer instante confundido-se atuante e espectador, não existe nenhuma estruturação que siga as linhas aristotélicas (linha dramática, continuidade de tempo e espaço), não existe a distinção personagem atuante.

Na evolução do teatro há distinção entre o *happening* dos anos 60, e a *performance* dos anos 70, de acordo com Coehn (2002 p.40) “há um retrocesso em relação à quebra das convenções, havendo um ganho em contrapartida da esteticidade.

Nas artes visuais, a não-arte é exemplificada com os *ready-mades* de Marcel Duchamp, artista visual, inovador, também na década de 70, que vão dar um valor de objetos de arte a produtos industriais, feitos em série e absolutamente cotidianos, como uma bicicleta ou um vaso sanitário.

Na música Jonh Cage, músico que revolucionou ao realizar *performances* impensáveis até então, como por exemplo, a Sinfonia do silêncio, ingressos vendidos, lotação esgotada, os músicos tomam seus lugares, o maestro começa o espetáculo. Nada. O peso do silêncio. Acabou a sinfonia. O público enraivecido tem o dinheiro dos ingressos devolvidos. A *performance* teria a finalidade de tentar

incorporar conceitos orientais de silêncios e o princípio zen da não-previsibilidade na música ocidental.

Já na dança, Mercê Cunnighan e Isadora Duncan entre outros, bailarinas e *performers*, ainda na primeira metade do século XX propõe uma dança fora do compasso da orquestra. “Libertaram” de certo modo a dança, incorporando ao seu repertório movimentos e situações comuns do dia-a-dia, como andar, parar, trocar de roupa, por exemplo.

O praticante da não-arte, o *performer*, trabalha neste tênue limite de colocar em cena a espontaneidade sem perder a sua dimensão de verdade e o prazer da concretização do desejo, do onírico, do surreal.

O surrealismo, movimento artístico surgido na década de 20, na França, em termos cênicos utiliza como tática e ideologia a *estética do escândalo*. O ingrediente é o lançar provocação contra as platéias. Algumas vezes as peças surrealistas aconteciam em caminhadas de demonstração dos líderes do movimento, e visavam, através do escândalo, chamar a atenção para as propostas do movimento, tanto a nível ideológico, quanto artístico.

A própria vida, em certos instantes é arte e supera tentativas de imitá-la, por não partirem de um impulso verdadeiro.

O paralelo que traço com o povo de domingo da Lima e Silva aqui atinge o seu auge. Para quem transita como eu, cotidianamente, nas idas e vindas para o trabalho, nos passeios na Redenção ao supermercado e um esporádico cineminha no Guion, o que acontece aos domingos, fim de tarde e anoitecer tem a característica de surrealismo. As luzes da rua e dos faróis dos carros a agitação, a quantidade de gente, e quanta gente diferente! A soma de tudo remete a um tempo-espaco diferenciado. E então a “lugarização” acontece. O termo apropriado, realça a transformação de um lugar comum, em um local específico de pertencimento de um determinado grupo ou tribo e a sua ocupação com comportamentos pertinentes ao grupo.

3. DA POSIÇÃO DO PROBLEMA

Ao circunscrever, delimitar a prática de determinada atitude, forma de inserção social a um local e tempo específico e assumir uma personalidade coletiva o indivíduo performático ao mesmo tempo em que perde sua individualidade e possível punição pelo caráter transgressor de sua atitude, alavanca políticas grupais que surgem da própria diversidade de idéias e ações que interagem e provocam libidos e comportamentos.

No presente trabalho observei a quebra de paradigmas de gênero e sexualidade como forma de expressão, racionalizada ou não pelo “Grupo”.

Ao assumir-se na rua, saindo do armário, na maioria das vezes materialmente distante de sua vida diária, de seu cotidiano, este público mostra uma atividade até então mantida entre boates e bares, e cuja “permissividade” da atual sociedade com suas paradas *gays* e uma maior aceitação dos diferentes torna possível no início da segunda década do século XXI.

Sendo assim qual seria o motivo das constantes reclamações dos comerciantes e moradores dos arredores? A falta de consumo por parte dos jovens, sem dinheiro para gastar nos bares, consumindo produtos comprados em supermercados e armazéns nas calçadas, a quebra da “moral”, dos limites entre o que é ou não íntimo, são alguns dos argumentos usados para justificar a severa forma como a polícia vem reprimindo o público freqüentador do local com constantes revistas e intimidações. Por outro lado o público freqüentador da Cidade Baixa, não se sente incomodado, mas critica as extravagâncias da gurizada achando que extrapolam na bizarrice.

Foi o que constatei exemplarmente *in loco* ao ver uma adolescente *cosplayer* de 15 anos, ‘carregar’ pela coleira seu amiguinho Emo em meio as mesas repletas de *gays* e lésbicas na Rua da República, os olhares de reprovação incomodaram a dupla que preferiu conversar com meninos de rua.

Ao abordá-los depois da observação, estavam muito surpresos como um público tão “moderno” havia se incomodado com sua “aparição” que chamavam de brincadeira, talvez como abordado em estudo cultural do curso de especialização o adulto ao não mais divertir-se com situações cotidianas coloque toda uma carga

de preconceito e negação de possibilidade de socialização da fantasia. A “brincadeira” que considerei para os fins deste estudo uma *performance* remete a toda uma vazão de impulsos reprimidos que a aproximação entre a vida e arte tende a quebrar.

Ao trilhar o caminho do princípio do prazer, a *performance* tende a resgatar a idéia de arte pela arte. A *performance* é uma arte de inserção social que visa causar uma modificação no receptor. Como argumenta Cohen (2002): “A performance não é uma arte de fruição, nem uma arte que se proponha a ser estética. (p.46)

Os nossos *performers* estudados estão no tênue limite de espontaneidade, sem perder a sua dimensão de verdade, com o espaço onírico, imaginário e dionisíaco. O indivíduo nutre a *persona*, a *persona*, o indivíduo. *Persona* usado aqui como sinônimo de personagem, de alguém além de mim, mesmo que com características minhas, o meu eu expandido.

As conversas buscavam respostas as seguintes perguntas: Tens o mesmo comportamento na tua vida diária? Na tua família, escola, trabalho? O que buscas aqui? Pertences a alguma tribo? O que identifica o “grupo”? Achas que os outros criticam teu comportamento? Crias um personagem? Elaboras uma *performance*?

Minhas inserções no grupo se deram através de dois ex-alunos, pertencentes a tribos diferentes, um diz estar *gay* e colorido, outro é ligado aos darks. O primeiro participa de uma das *performances* o segundo é mais discreto, intimista.

Tento fazer uma descrição do que consegui observar no visual e no comportamento de das pessoas escolhidas para a realização deste trabalho e relato as cenas que considerei como performances de afeto protagonizadas por cada uma delas. Nossas conversas foram informais e para todas as pessoas contatadas disse estar pesquisando o comportamento das pessoas que ocupam o espaço entre o Guion e o Zaffari, na Lima e Silva, aos domingos a noite. Especificamente as performances de afeto. E mais ainda se a repressão social representada pelo poder de polícia, Brigada Militar e Segurança privada inibiam ou não suas ousadias.

O público freqüentador se deixaria ou não inibir nas suas tomadas de espaço pelas reações adversas a sua conduta? O poder de polícia conseguiria intimidar a gurizada de ter um comportamento anômalo e pretensamente abusivo? O consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade e outras drogas pelo resto do público serve como justificativa para ações intimidatórias como revistas constantes e perseguições pelas ruas dos bairros a grupos de jovens que pretensamente estariam usando drogas ilícitas.

Pergunto então: por que tais jovens parecem resistir a tudo isso e insistem em ‘comparecer’ todo domingo, à mesma hora, nos mesmos espaços?

Resistem, porque são constantemente impedidos de entrar no shopping, são seguidos e intimidados no supermercado e proibidos de usar os banheiros de ambos os estabelecimentos, mesmo que ocasionalmente consumam em seus espaços. Resistem porque a Brigada Militar já os espera na Alameda dos Banheiros da Redenção, na Rua José Bonifácio e os segue pelas ruas do bairro. Após continuar observando o movimento de ocupação e após ter apresentado o trabalho à banca examinadora do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, reencontrei dois dos personagens que participam do bloco analítico. Estão na rua, “pra jogo”, ou seja “para o que der e vier”, no que diz respeito a paquera ou a “pegação”, como para um possível enfrentamento com a polícia ou a segurança privada, o que tem acontecido com bastante freqüência. Utilizam-se da *performance* como parte da estratégia de ver e ser visto e de aproximação entre seus pares, de provocação aos seus desafetos. A ‘gurizada’ do Guion tem sido tematizada com bastante freqüência em programas televisivos, de vários credos, como uma verdadeira horda de vândalos que invade o “bem comportado”, bairro Cidade Baixa na capital do Rio Grande do Sul. Em jornal de grande circulação da capital, no ano de 2011, pode-se ler uma matéria com o seguinte título: “Sexo e vandalismo na noite da Cidade Baixa”, ilustrada com uma foto de dois beijos entre pessoas do mesmo sexo com a legenda “sexo explícito na Cidade Baixa”. Alguns programas de rádio realizam mesas redondas com o tema sendo discutido por delegados, vizinhos do local, professores, policiais militares e civis, psicólogos sobre o que acontece aos domingos naquele espaço-tempo definido, limitado.

Desconheço a presença de algum jovem freqüentador do tempo-espço estudado, ou algum protagonista dos episódios relatados nos programas. Outros vários programas de rádio e TV exploram o tema, muitas vezes, de maneira preconceituosa e discriminatória, porém a 'gurizada' continua a teimar em aparecer na hora e local combinados, a 'sair do armário' e mostrar as suas *performances* de afeto para quem quiser ver.

O fato é que existe sim uma tentativa de inibir, controlar o movimento na Rua Lima e Silva, aos domingos, no horário entre 19 e 22 horas, o povo que está ali, incomoda os acomodados de todas as espécies ao propor uma nova forma de ocupação da rua.

4. METODOLOGIA

Acompanhei o público freqüentador do espaço situado no corredor em frente aos banheiros do parque Farroupilha até o monumento do Expedicionário, domingos ao final da arte e o seu deslocamento até a Rua Lima e Silva nas imediações do Centro Comercial Olaria e do Supermercado Zaffari, local ocupado até 23, 24 h quando da saída dos últimos ônibus e do Trensurb, dos terminais do centro da cidade de Porto Alegre para os bairros e as cidades do entorno da capital, durante o final de maio e o início de novembro de 2010.

Entre este público, observei inúmeras pessoas, sozinhas, em duplas e trios, em grandes ou pequenos grupos, às vezes subdivididos, como *gays* e metaleiros ou lésbicas e pagodeiras, uma miscelânea interessante e que na sua diversidade parece contemplar algumas das infinitas variações das inúmeras possibilidades de 'ser', e a quais grupos o indivíduo consegue ou não pertencer no momento atual da sociedade que tenta ser cosmopolita da capital, Porto Alegre e, especificamente, no caso estudado, entre as pessoas que circulam na Redenção e no Bairro Cidade Baixa nos domingos.

Para a realização deste trabalho selecionei e conversei com oito jovens, quatro mulheres e quatro homens, que utilizam a *performance* como modo de ocupação de um espaço definido e urbano num tempo determinado. Como explicita Renato Coehn (2002, p.40-41) em seu livro *Performance como Linguagem* "A rigor e antropologicamente falando, pode-se conjugar o nascimento da performance ao próprio ato do homem se fazer representar (a performance é uma arte cênica) e isso se dá pela institucionalização do código cultural." (COEHN 2002, p.40-41)

Nesse processo de instalação da cultura, usando a terminologia de Nietzsche, citado por Cohen, (2002, p. 41) existiria uma síntese dialética de duas energias dicotômicas. O apolíneo e o dionisíaco. Ambas são matrizes das artes cênicas e do teatro. O apolíneo dirigindo a organização, a mensagem, a razão, e o dionisíaco, a pulsão, a emoção e o irracional. Nesse ponto há a separação: o teatro clássico, calcado na organização aristotélica, se a apóia numa forma mais

apolínea e a performance (assim como uma parte do teatro) resgata a corrente que se reporta ao ritual dionisíaco.

Ao criar um personagem, com figurino, adereços, maquiagem, cabelo e atitudes diferenciadas de suas práticas convencionais, ocorrendo algumas vezes até a troca de nome neste espaço-tempo delimitado, dando um caráter então performático a suas atitudes, buscando a ontologia da performance ou a aproximação possível entre a vida e a arte, conforme coloca Renato Cohen (2002, p.37) “Qual o desígnio da arte; representar o real? Recriar o real? Ou, criar outras realidades?”

Conforme identifiquei e busquei conhecer no trabalho de campo, existem pessoas que passam a semana inventando um modelo, criando um personagem, algumas vezes virtualmente, para experimentações diversas no espaço-tempo criado pelo “Grupo”.

O estudo da *performance* como linguagem de contracultura social, que coloque o indivíduo performático como propulsor de questionamentos de estruturas de poder cristalizadas e dominantes é o que em última análise pretendo investigar. O poder dominante, o capitalismo, a especulação imobiliária, a heteronormatividade, aqui representados ostensivamente pelo poder de polícia, entrando em cena a Brigada Militar e a segurança privada dos estabelecimentos comerciais.

O conceito de heteronormatividade explicita a necessidade da sociedade de uma forma geral, tentar colocar a atração e o relacionamento amoroso e sexual com pessoas do sexo oposto como se fora algo “normal”, uma regra comportamental a ser seguida pelos seres humanos. Não esqueçamos que há pouco tempo o homossexualismo, ou seja, atração e relacionamento com pessoas do mesmo sexo deixaram de ser considerados doença e saiu definitivamente do rol das patologias médicas, passando então a ser uma característica da personalidade de um indivíduo. Não obstante ainda são muitas as pessoas que consideram qualquer comportamento diferente do heterossexual como “desviante”, “errado” ou “anormal”.

Por que o público “moderno” e “descolado” se incomoda com a “gurizada da periferia”? Até que ponto uma performance rompe com o que se espera de “experimentação social de quebra de limites pela juventude” e vira arte?

É notório que a sociedade está incomodada com o movimento que se estabeleceu no percurso já citado, o *satus quo* dominante, heteronormativo, ao perceber a possível perda sobre o controle dos corpos e de suas inserções e significações sociais, busca na sua força repressora, imbuída de manter a lei e os ‘bons costumes’ o poder coercitivo necessário para a contenção das liberalidades e libidinosas libertinagens.

O movimento foi se intensificando até o final de 2009, a visão de seios de fora, com lambidas lascivas de meninas em meninas, as altas da noite. E a ‘pegação *gay*’ explícita e ruidosa. As dinâmicas de entrosamento, as *performances* de afeto foram tomando corpo e ganhando a rua. Para fechar a cena um ato de sexo oral protagonizado por dois garotos e assistido por pequeno grupo no estacionamento do *Shopping* foi a “gota d’água” para o Olaria “emburrar a cara” para a gurizada.

Acompanhei o desenrolar da situação bem de perto já que moro na Cidade Baixa e transito bastante no circuito referendado. Junte-se a isso o meu interesse pela contracultura especialmente os movimentos populares de conquista de visibilidade para as minorias. Aqui no caso os jovens, os que buscam formas alternativas de vivências de suas sexualidades, os punks, darks e góticos.

No livro de Paulo Sérgio do Carmo, *Culturas da Rebeldia – A Juventude em questão* que amparou os meus pensares sobre o material de estudo, para chegar-se a definição de contracultura é necessário um retorno histórico à Guerra do Vietnã, que em 1967 serviu como estopim para o “verão do amor”, numa manifestação ocorrida em Nova Iorque em 15 de abril, para celebrar a paz com o lema “faça amor, não faça a guerra”, que reuniu cerca de 300 mil pessoas. A partir daí ocorreu uma verdadeira revolução dos costumes. Havia a necessidade de quebrar velhos tabus e conceitos, e destruir costumes estabelecidos. “Paz e amor; desbunde; aqui e agora; contra o poder das armas, o poder da flor (*flower power*), o poder *gay* (*gay power*), a liberação feminina (*women’s lib*) e poder negro

(*black power*). “Todo este conjunto de manifestações novas que surgiu em diversos países foi chamado de contracultura. Trata-se da reivindicação de um estilo de vida diferente da cultura oficial, valorizada e defendida pelo sistema. Underground, no sentido de “à margem”, esta cultura contesta e critica radicalmente tudo o que já foi produzido pela cultura ocidental, pondo em xeque os valores tradicionais, de diferentes maneiras, e buscando novas formas e canais de expressão” (p.50-51, 2.000.)

Ao propor novas formas de se relacionar com o outro e com o espaço, o indivíduo tem a possibilidade de criar a sua própria resignificação para o que entende seja o vital e prazeroso.

5. OITO PESSOAS, TRÊS *PERFORMANCES* – BLOCO ANALÍTICO

5.1 GREG & DAKOTA

Pode me chamar de Greg, eu tenho 28 anos, e não sei mais o que sou eu, e o que é a personagem, não existe personagem, eu sou assim.

É um rapaz moreno de cabelo preto e comprido, bem liso, até a cintura, as unhas são compridas, pintadas de preto. Usa uma saia preta e coturnos, a blusa preta, cortada, tipo *baby look*, traz o nome da banda da qual ele é integrante, vocalista e *performer*.

Aqui tem muito gay, mas eles ficam mais pra lá, em frente ao Guion, o Boiolaria. Em frente ao supermercado já é uma galera mais punk, é outro tipo de público.

O vocalista, muito educado, pediu licença para entrar na conversa. Colocou a sua opinião e começou um flerte rápido com uma das gurias que conversavam comigo. Assim comentou:

Greg acha que as pessoas julgam muito pela aparência que olhando para ele não imaginam que possa fazer parte de projeto educativo, que dê aula para crianças carentes.

E prosseguiu:

Quando eu cheguei na escola me deram a pior turma disseram que eu não ficaria nem um dia...Faz três anos que trabalho com eles Só não uso saia para trabalhar, mas o resto da minha aparência, o visual é o mesmo. Eles me respeitam porque sabem que eu acredito neles. Fui uma criança muito pobre, carente mesmo, a minha família não tinha condições... Às vezes eu achava que ninguém ia olhar para mim, então eu olho para cada um dos meus alunos...Presto atenção neles, acho que isto faz toda a diferença, eles claro, também prestam atenção em mim. Alguns até se vestem como eu, a gente acaba sendo exemplo sem querer. Agora pensando... Não sei se é sem querer... Acho que cada um tem o direito de ser o que é, e é isto que se vê aqui, as pessoas se mostram, botam pra fora a fantasia, eu tento fazer isto sempre.. Talvez eu viva sempre um personagem, mas o personagem sou eu

Dakota é o pseudônimo, o apelido, o nome fantasia de uma garota de cabelos tingidos de vermelho, 23 anos, um emprego, e compradora orgulhosa de um apartamento em um conjunto residencial de uma cidade da região

metropolitana de Porto Alegre. Ela usa um corselete preto justo, decotado. O coturno contrasta com a meia arrastão e a flor no cabelo. Na conversa, se diz bissexual.

Gosto de ficar com gurias, já 'fiquei' com várias...

Enquanto isso flerta com Greg, bebe e ri.

Não me importo com a opinião das pessoas faço o que tenho vontade com quem quer fazer comigo.

A garrafa de tequila *Jose Cuervo*, o energético *Red Bull* e as batatas fritas *Pringles* demonstram que Dakota faz valer o seu salário e emprego. Em toda esta ilha de dissidência social. Verifica-se consumo e produtos globalizados, uma característica de nossa modernidade. São produtos de boa qualidade comprados no supermercado em frente.

Acho que eles se incomodam com a gente pela diferença toda que se tem em relação aos valores que a burguesia estabelece. A gente prefere estar na calçada, imagina quanto se ia pagar pra consumir o que já tomamos aqui.

Dá mais um gole na garrafa e passa adiante. Greg se aproxima e começa a conversar toma um gole de tequila e oferece cerveja. Eles começam a se beijar enquanto bebem, os corpos ficam bem perto, se abraçam. Conversam, inclusive comigo, sobre arte, ocupação do espaço, música, de repente a menina se encosta no carro estacionado, o rapaz faz que a prende num esforço exagerado, algumas pessoas olham. Ela tenta se libertar passando a língua no pescoço dele, prende o cara com as coxas e senta no capô do carro. Estão muito entusiasmados. Os amigos ignoram, continuam a beber e conversar parecem fazer parte da cena. Percebe-se movimentação estranha das pessoas, a Brigada Militar se faz presente com uns 20 policiais, carros e luzes piscando. Dakota guarda a garrafa de tequila na mochila, avisa que tem uma faca guardada na mesma e que não ia ser interessante que a polícia a encontrasse. Puxa Greg pela mão e se dirige para

frente de um boteco que vende cerveja de 600 ml a R\$ 3,00, gelada, em copo plástico e era usada como ponto de abastecimento, pelo “grupo”, vizinho de uma casa de Shows, tem as grades pintadas de branco e já descascadas, grades que já vi sendo usadas para prender coleiras de gente e algemas... Surreal. Performáticos e afetuosos. A garota então protagoniza fortes cenas de afeto sexual com Greg. Em alguns momentos pareceu realmente buscar os olhares de quem assistia a cena. Pelo que pude constatar já se conheciam antes daquele momento, mas nunca tinham “ficado”. Não sei como acabou a noite do casal, mas foi marcante a cena protagonizada por eles. (Excerto de Diário de Campo, outubro, 2010)

Ao tratar do assunto *performances* de afeto em um trabalho para um curso de pedagogia da arte refleti o quanto se deixa de lado, no ambiente escolar toda uma gama de informações e propostas que poderiam levar a escola, enquanto instituição, adiante do que está. Na rica fala do protagonista, ao se colocar como um menino pobre que não era reconhecido como indivíduo, e que por isto tem um olhar todo especial para cada um dos seus alunos, consegui perceber o quanto a educação do olhar seria apropriado para a formação dos educadores. Conseguir olhar sem se chocar, conseguir olhar sem criticar, fazer considerações, conseguir “enxergar” no outro, coisas que ele quer me dizer. Sem preconceitos.

O casal era interessante, nas falas, nas ações, na proposta de jogos de corpos e sedução. Figurinos bem elaborados. Confundindo um pouco, criador e criatura. Limite entre a vida e arte. Faziam cenas porque queriam. Não sei se queriam ser vistos. Não arrisquei perguntar. Pareciam estar curtindo muito, inclusive com a falta de atenção que a cena protagonizada por eles causava.

Descobri conversando com outras pessoas do “grupo” que Dakota promove uma vez por ano uma festa SM (sodomasoquista) com muitas ousadias.

5.2 WALLACE, VIVI, ALINE & PIPOCA

Pessoalmente, as cenas que mais me chamaram a atenção durante as observações para a realização deste trabalho foram os transgressores beijos

coletivos, inovadores na proposta e concretização de afetos. Por sorte, e por ter sido professora do Pipoca, consegui um diálogo com quatro jovens que protagonizaram um beijo coletivo entre meninos e meninas, com várias bocas se tocando ao mesmo tempo, línguas libidinosas e nada exclusivas

Wallace, tem 17 anos só estuda, está se preparando para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e o vestibular, diz que fica com guris e gurias:

Mas nunca com um cara "mais gay" que eu...

E continua:

Não gosto de homem com jeito de mulherzinha, acho ridículo. Se for pra ficar com guria, pego mulher mesmo... Aqui tem muita gente liberal que curte tudo, inclusive drogas, maconha e bebida sempre têm. A "balinha" é mais rara, mas aparece de vez em quando.

"Balinha" é o apelido dado ao Ecstasy, a chamada ilícita droga do amor, recebeu este nome porque, segundo relato de seus usuários, dá uma vontade incrível de proximidade física, vontade de beijar muito. O rapaz abraça guris e gurias, passa a língua no pescoço, na orelha, fica de mão. É bonito, chapinha no cabelo, tênis e calça coloridos, camiseta justa. Dança e pula anda de skate, entre os carros e os passantes. É ágil, se mexe muito, vai de um lugar pra outro o tempo todo, conhece muita gente. (Excerto de Diário de Campo, setembro, 2010).

Vivi, é a mais velha do grupo tem 21 anos e é universitária. Os pais pagam pelos estudos, ela não trabalha e fez questão que a namorada Aline voltasse a estudar.

A gente tem que fazer alguma coisa na vida. Eu faço direito porque acho que tem que ter espaço pra todo mundo ser do jeito que é, acho legal levar esta idéia pra dentro da sala de aula.

Vivi, tem seis piercings e oito tatuagens, grandes e coloridas, usa nas roupas uma mistura de cor e preto, uma franja enorme, nos cabelos vermelhos e coturnos. Pergunto se vai assim pra faculdade:

As pessoas são muito preconceituosas e julgam os outros pela aparência, eu tenho meu estilo, mas aqui a gente dá uma exagerada, na faculdade dou uma maneirada.

Pega Aline pela mão, abraça, beija na boca, fica com o braço por cima dos ombros da garota, enquanto bebem vinho tinto numa garrafa PET.

Tiram a gente pra bêbado, drogado, mas a gente só bebe no fim de semana ou quando tem festa.

Wallace chega por trás das duas meninas e beija o pescoço, passa a língua na orelha de Vivi, Aline diz que está com ciúmes ele ri e fica de mão com as duas meninas.

Aline tem 17 anos voltou a estudar por insistência de Vivi.

Eu cansei de ser olhada como a estranha na escola, cansei dos professores pegarem no meu pé pelo meu jeito de ser. Não é só por eu gostar de meninas é porque a sociedade de uma maneira geral rotula e diminui quem não se enquadra num padrão aceito pela maioria. A minha mãe adora a Vivi porque ela está na faculdade e sempre cuida de mim quando a gente sai. É que eu fico muito bêbada sabe?

Toma mais um gole de vinho e ri para a namorada. Aline tem uma voz muito infantil, parece ter menos idade do que tem. Fala olhando para baixo parece ser tímida, só conversou comigo depois que Vivi a chamou umas três vezes. Usa tênis e calça coloridos, camiseta *baby look* preta de banda de *rock*. Fica todo o tempo de mão com a namorada, mas aceita os beijos dos meninos e os beija também.

Encontrei várias vezes as meninas. Algumas vezes conversamos outras nos cumprimentávamos. Ficamos conhecidas. Um dia Vivi estava triste e sozinha, conversou um pouco comigo, Contou que a mãe da namorada queria mudar de cidade queria que a filha “tomasse jeito”. Não levava a sério o relacionamento das duas e achava que a filha estava perdendo tempo. Havia chamado Vivi para conversar. A ‘sogra’ tinha 38 anos e disse pra ela que “no meu tempo, não tinha dessas coisas...” A mulher veio do interior, trabalhar em casa de família, teve Vivi,

criada como filha pelos patrões, estudou em colégio caro, ia de Van para a escola.

Disse ela:

A mãe acha que é minha culpa ela gostar de gurias, mas ela já teve outras namoradas.

A garota estava confusa e disse neste dia, não saber o que fazer. Depois já as vi juntas. Parecem gostar muito de estar uma com a outra, Nunca mais as vi beijando outras pessoas. Abraços e carinhos trocam entre elas e com outros, são bem populares no “grupo” muitos as conhecem e cumprimentam, Aline não tem ficado mais tão bêbada e terminou o segundo ano do ensino médio. Vivi está trabalhando em escritório de advocacia. Está juntando dinheiro, tem objetivo: Quer morar com a namorada. A mãe de Vivi é separada do pai, e ela quase não o vê. A mãe é liberal, e, de acordo com ela, não se importa que ela namore meninas. – “Ela é cabeça feita, quer mais é que eu seja feliz!”

Apesar de ser um esboço de análise e de levar em conta apenas as duas personagens em questão, me parece, pelos relatos ouvidos que as famílias, agora, em 2011, e aqui em porto Alegre, estão passando por uma imensa gama de variações nas suas formas de aceitar ou não a homossexualidade dos seus filhos e filhas. Ocorre desde a negação e a tentativa de “consertar” a pessoa, no caso da mãe de Aline, querendo que a menina se transforme ao mudar de cidade, até a aceitação da mãe de Vivi desejando a felicidade da filha!

Pipoca tem só 15 anos, faz jus ao apelido, não pára um minuto, dança, pula, flerta, passa a mão em várias pessoas homens e mulheres. Diz que ali se sente mais a vontade que em casa:

O meu pai disse que vai me internar... Mas a mãe me entende, me empresta a chapinha dela, a maquiagem, ela acha normal eu gostar de todo mundo, mas que eu vou ter que escolher um dia. Não sei... Já conheci um cara, que é casado e vem aqui ficar com os gurias.

Usa uma camiseta toda colorida com brilho, uma calça bem justa e tênis *All Star* vermelho. Boa parte do tempo usa fones de ouvido, colocando de vez em

quando um dos fones nos ouvidos dos amigos e cantando as músicas. Adora Lady Gaga e diz que é o que está ouvindo:

Esta coisa de sexualidade, de preferir guri ou guria é moda, hoje todo artista é bissexual e quem é jovem a fim de experimentar tudo então faz isto, meio que de brincadeira, não dá muita importância. Não é como antes que o cara já era tri mal visto. Hoje as pessoas eu acho que são mais livres, no meu colégio eu sou o cara mais popular que tem. Lá eu só fiquei com gurias. Tem gente da escola que já me viu aqui. Aqui eu faço show, dou pinta de gay. Mas é tudo pra diversão. É um lugar pra se fazer este tipo de coisa. Também acho que vai tudo da cabeça de cada um, no meu caso depende do momento, hoje eu quero ficar com mulher nem adianta o bofe chegar junto.

Ele faz toda uma cena de desfile, pára e dá a volta encosta-se a Wallace que olha pra ele e dá a mão para que ele coreografe um giro, se beijam, de leve. As meninas se aproximam e os quatro começam a se beijar, uns selinhos, uns beijos mais ousados. Wallace beija Aline enquanto faz carinho nos cabelos de Vivi, vira o rosto e troca de boca, Vivi passa a língua nos lábios do cara e vai beijar sua namorada. Pipoca sai saltitante pelo asfalto. Wallace acende um cigarro.

Os garotos se divertem muito, flertam, expõe o corpo levantam a camisa, passam a mão nos próprios corpos, se aproximam dos outros, dão pinta de gays. Entre eles uns meninos bem jovens de bermuda, tênis, bonés de grife, são observados por Wallace que reencontro num domingo abril de 2011:

Tem uns guris bem novos aqui. Parecem cada vez mais novos não achas?" Tenho que concordar com ele. –“ Quando eu comecei a vir aqui eu tinha 12, 13 anos que nem eles. O Pipoca, conheço desde pequeno aqui da Cidade Baixa, foi aqui que eu fiquei com um cara pela primeira vez.

Neste um ano de observações, Wallace engordou, está mais parado. Parece que começou a “cair na real”. Tomou uns ataques da polícia, foi assaltado, bateram nele, e chamaram de veado, ficou muito bravo. Contou-me que mudou o movimento ali na Lima e Silva, na sua fala:

Antes vinha um povo mais glamoroso, com mais pique, não sei se tem a ver com grana. talvez, agora tem mais “bafão”, a polícia direto em cima, toda hora na TV, não sei se eu queria isto, queria poder ir a um lugar que

eu pudesse ser eu mesmo, não precisava ser assim. . mas eu vou continuar a vir aqui.

Aqui aparece de novo a família com repressora da sexualidade do menino:

Meu pai diz que vai me internar...” Já a mãe –“Ela me entende, me empresta a chapinha dela.

Dentro do mesmo núcleo familiar posições diametralmente opostas dão o teor do que poderia ser a razão de muitos conflitos vividos pelo adolescente e sua família, a mãe aceita, o pai reprime, ameaça.

No decorrer do estudo em outros momentos o menino diz que acha que o pai não se preocupa com ele, que tem é vergonha que achem que o filho é *gay*.

Nem quero saber, quero que ele morra, ter vergonha de mim porque sou veado” Quer saber nem sei se sou..” –“ Mas queria ser muito gay pra ele morrer de vergonha.

Se contradiz ao afirmar que não faz nada pra chocar ninguém e sim porque tem vontade. Conteí que o beijo que deram, de quatro fazia parte do trabalho que apresentei na Universidade, Ao que ele diz:

Já dei outros beijos em grupo, aqui, e em show, no Pepsi On Stage, num show de rock, não lembro da banda . Eu estava muito louco, tinha bebido muito.

A escola aparece nas falas como um lugar de discriminação constante, como se pode perceber na fala a seguir:

*Cansei de ser vista como a estranha.”, ou senão um lugar de camuflagem-
“Lá eu só fico com gurias.*

No livro de Guacira Louro *O Corpo Educado*, no qual se trata de Pedagogias da Sexualidade é colocado claramente o teor “naturalista” como é tratada a sexualidade dentro das escolas, é como se fora uma condição “natural” as relações entre as pessoas se darem desta ou daquela forma. Com o advento da epidemia da AIDS, a ocorrência da gravidez da adolescência, os parâmetros

curriculares nacionais colocaram a obrigatoriedade do tratamento do tema no currículo escolar.

Na minha experiência como professora na rede pública de ensino percebo que os alunos, estes sim, querem e muito falar e do seu jeito sobre sexualidade. Alguns têm preconceitos e se orgulham disto. Outros fazem jus a idade que tem e o mundo que vivem respeitam as diferenças e querem aprender com elas. Já os professores. Poucas vezes encontrei pessoas mais preconceituosas, fechadas em seus conceitos e avessas a qualquer resignificação do que para eles “é o normal”. Não me espanta que os alunos se camuflem e se sintam discriminados. Acredito que muitas outras pessoas o fazem em ambiente tão hostil.

Foram muitas as cenas de teatro, pequenas esquetes que tive a oportunidade de ver realizadas por alunos tratando de sexualidade. Aprendi com eles. Como são mais fluídas suas relações, mais leves, mais líquidas. O peso do relacionamento cheio de amarras será uma característica da maturidade? Fora da juventude não terá leveza ou alegria?

Esta leveza e falta de compromisso, era sentida naquele beijo grupal. Estavam livres e soltos. E davam um *show*. Pipoca disse que sim, fazia para aparecer. Os outros mais contidos quando perguntei se queriam que o beijo fosse visto por mim e por outros, se queriam mesmo promover o “beijo-show”, nada disseram só riram, e deram mais uns selinhos.

Descobri durante a pesquisa que em repúdio a proibição do Olaria de não deixar as pessoas sentarem nos vasos, colocando inclusive pregos para impedir a ação, bem como a interdição de parte da entrada do shopping, e o fechamento dos banheiros foi promovido um “beijaço” pela ONG SOMOS, que luta pela livre orientação sexual, neste dia muitos beijos grupais aconteceram, mas eu não estava lá para ver....

5.3 JONH & ELIZABETH

Nós já estamos juntos há muitas encarnações, uma das mais fortes que me marcou muito foi na Inglaterra, por volta de 1700, por isto eu gosto que me chamem de Elizabeth, e o meu marido de John.

Ela tem 17 anos, veio de uma cidade do interior do RS com o namorado, mora na periferia de Porto Alegre. É bonita, o cabelo pintado de loiro, uma maquiagem muito carregada. Sombra e unha pretas, batom muito vermelho. Lenço de tule branco e vermelho na cabeça. *All Star* preto cano longo, coleira de couro no pescoço presa a corrente de metal de 2 metros de comprimento que está nas próprias mãos. Comecei a conversar com ela elogiando o capricho do visual. Perguntei pela coleira, qual o sentido que fazia e como as pessoas reagiam ao vê-la “conduzida”:

Para nós é uma brincadeira, não quer dizer nada... Os outros é que dão o sentido que querem. Eu acho que as pessoas pensam que sou uma mulher submissa... Mas não é nada disso. A primeira vez que a gente veio na Redenção eu me perdi e a gente teve esta idéia pra não acontecer de novo. Depois da primeira vez eu curti. Me sinto bem. Me sinto até segura. O meu marido trabalha das 7h às 7h prá me sustentar. Paga desde o ônibus. Quem domina quem? Não tem nada a ver com violência ou dominação. Pra nós é só uma brincadeira. Semana passada era Halloween e eu fui assim para o colégio. Só nessas ocasiões, que preparo um visual diferente. Esta aqui é roupa de festa, este lugar pra mim é uma festa. Boto toda minha vontade de usar uma roupa bem criativa aqui. Eu sou assim, tenho este estilo, mas na escola vou menos produzida.

Enquanto conversamos Jonh se aproxima, pega a corrente e fica parado com ela na mão. Tem 21 anos, todo de preto, coturnos novos, canos altíssimos e plataforma. Correntes de metal, pulseiras de couro, anéis. O cabelo preto, com chapinha, olhos com Kajal. Um detalhe no cavanhaque o divide em dois e em cada uma das pontas é enrolada uma espiral de metal. Contei-lhe sobre a pesquisa:

Põe no trabalho que nem todo mundo que vem aqui é bêbado e drogado.

Diz que foi veiculada uma reportagem há poucos dias no SBT que fazia esse comentário sobre a juventude domingueira.

No trabalho, eu não uso chapinha, nem lápis de olho. Sou estoquista, trabalho em indústria, não dá, o pessoal é meio careta.. Mas roupa preta e coturno uso sempre.

Enquanto conversa puxa discretamente a corrente e a garota para perto de si e com a outra mão afaga os cabelos de outra menina do grupo. Dá um beijo

demorado na namorada. Enrola a corrente na mão. Vai soltando enquanto para de beijar a garota. Despedem-se, amanhã tem aula, trabalho... E vão caminhando com Jonh à frente puxando Elizabeth que me disse que nessas ocasiões deve andar sempre atrás do marido...

A cena, protagonizada pelos dois jovens vindos do interior do RS, chama bastante a atenção, por onde passam são acompanhados pelos olhares do público. Pergunto para algumas pessoas o que acham da “aparição” –“Chamativa! Pra fechar!” grita um gay bem exaltado, uma menina mais discreta –“Ridículo, é pra humilhar a guria” O carinha que está com ela dá a sua opinião: “Nada a ver é só brincadeira! Conheço eles! São gente finíssima!” Para mim foi como pareceram “gente finíssima” educados, e preocupados com valores como família, estudo e trabalho. A menina referia-se a Jonh como seu marido, e contou inclusive que ele pediu para a mãe dela deixar que viesse com ele para capital, que casaria com a guria e tal... A mãe deixou.

Minha mãe acha a gente diferente, mas é moda, tem gente que aparece assim (de coleira) em vídeos e clips de rock, no fundo a coroa até curte o meu visual. De coleira nunca apareci na frente dela. Isto começou há pouco tempo.

Não é por eu andar assim que sou isto ou aquilo. A gente quer é que a sociedade para de discriminar quem se veste ou tem atitudes diferentes dos outros. A gente quer ser aceito como se é. Chega de todo mundo ter que ser igual.. Eu quero terminar meu ensino médio e casar, ter minha casa própria. Não tem nada a ver com eu me vestir ou me comportar assim ou de outro jeito. O que importa é o que eu sou na verdade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de acompanhar durante vários domingos entre os meses de maio de 2010 a abril de 2011 o público freqüentador do espaço entre o Arco da Redenção e o Shopping Nova Olaria num movimento de “nomadismo” e “lugarizações juvenis” percebo o quanto das pessoas que conheci, das ações que presenciei passaram a se incorporar no meu dia a dia.

Acho que todo o ser humano continua a ser nem que seja bem lá no fundo, o nômade que sempre está à busca de um lugar melhor, para estar, para ser. O trabalho de observação e escuta destes nômades performáticos e modernos, trouxe uma renovação da minha forma de ver a ocupação do espaço pelas tribos. eles nunca, jamais me incomodaram. Nem quando há uns três anos atrás, o ônibus que eu estava, não conseguia passar pela Lima e Silva. Achei estanho, tanta gente, tantos de preto, mas foi coisa de instantes, de minutos e uns tapinhas juvenis no ônibus. Agora tão mais perto deles, tendo visto e ouvido tanta coisas, percebo que eles têm muito pra dizer, uns tantos gostam de poesia, muitos adoram cinema, compõe letras e músicas, imitam artistas, geralmente ídolos de bandas de rock, escrevem roteiros, outros pintam, tatuam, e amam, ah! como amam intensamente, a vida, seus pares, a si mesmos, ao prazer. Aprendi um tanto. Ouvi de um deles no último domingo:- “Foi um prazer te conhecer e descobrir que conseguiste nos ver aqui, de uma forma integradora, positiva, e levar pra UFRGS. Saber que a gente é estudado. O máximo! Todo mundo só nos critica” Um presentão, um *gran finale* para este estudo.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel de “Zoar” e “ficar” novos termos de sociabilidade jovem In ALMEIDA, Maria Isabel de EUGENIO, Fernanda Culturas jovens- novos mapas de afeto Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2006

CARMO, Paulo Sérgio do Culturas da Rebeldia – A Juventude em Questão Editora SENAC 2003

COHEN, Renato Performance como linguagem - Criação de um tempo espaço de experimentação, Editora Perspectiva, 2002

FOUCAULT, Michel A História da Sexualidade, A Vontade de Saber Edições Graal, 1988

FRIEDMAN, Susan Stanford, O “falar da fronteira”, o hibridismo e a performatividade – artigo publicado no site www.eurozine.com em http://www.eurozine.com/articles/2002-06-10_friedman-pt.html Acesso em 20 de março de 2010

GARBIN, Elisabete Maria Cenas Juvenis em Porto Alegre: “Lugarizações”, nomadismos e estilos como marcadores identitários In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel (org.) Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: ULBRA, 2006.

LOURO, Guacira Lopes, org. O Corpo Educado- Pedagogias da Sexualidade, Editora Autêntica, 1999

SILVA, Tais Coelho da Juventude trans-viadas; identidades marcadas invadem as ruas ____ Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio Grande do Sul Faculdade de Educação Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2008.